

Título da Comunicação:

O Espaço Envolvente de Santa Clara

Autoria:

Luisa Génésio (Arquitecta Paisagista)

Porto, Janeiro 1993 -- Encontro AR.P.A.

• O carácter de um local

Hoje, assume-se a existência de uma Natureza projectada e construída, que integra o jardim, arquitectura, a paisagem.

Habitar entre o céu e a terra, significa “estabelecer-se” num intervalo múltiplo de possibilidades. O termo “estabelecer-se” não pretende sómente designar um evento económico, mas sim um conceito existencial, que traduz a presença de significações num espaço. Se o meio é “significante” o Homem sente-se “em casa”.

O carácter de um local é fundamental para o Homem viver. Heidegger afirma: “O templo permanece como tal, enquanto a sua ambiência não for destruída, ou o seu Deus tiver fugido”.

O entendimento do carácter de um local depende de quem vê e sente. Há, contudo, elementos estruturantes da paisagem, que contribuem para o carácter de um local.

Compete ao paisagista ver esses elementos; mantê-los, recuperá-los, recriá-los em novas poéticas de espaços.

## • Santa Clara a Velha

Ao chegarmos a Santa Clara a Velha, não vemos um edifício gótico; a Igreja não conquista o céu. A sua escala gótica perdeu-se no tempo.

A beleza deste local, reside na unidade forte existente entre a Arquitectura e os campos envolventes.

A Igreja enterrou-se calmamente no lódo; rodeou-se de água; eternizou-se com a Natureza.

Aqui, as margens do Mondego abraçam, com suas areias, charcos, terrenos de cultivo, a Arquitectura; num gesto misterioso, nostálgico, irreal.

A quietude do sítio, apenas perturbada pelo movimento lento das águas que contemplamos, embebeda de silêncio os restos de antigas laranjeiras aqui existentes.

Relembro, como transmontana, palavras de Miguel Torga, acerca das terras de Coimbra:

“Esta paisagem coimbrã, tem o diabo dentro dela. No Alentejo caminho, em Trás-os-Montes trepo; aqui levito”.

É este sonambulismo que envolve Santa Clara.

• A dimensão mítica de Santa Clara

Antigo Convento de Clarissas, dos fins do século XIII, é conhecido como Santa Clara a Velha, a partir do século XVII.

Este espaço, é palco de dois mitos do imaginário português:

– A caridade régia simbolizada no Milagre das Rosas, associado ao nome da Rainha Santa Isabel.

– A tragédia de Inês de Castro.

A riqueza simbólica deste local, foi há muito eternizada por poetas célebres. Lembro Garcia de Resende, Luís de Camões, António Ferreira.

Revivemos palavras de Camões:

“Estavas linda Inês, posta em sossego  
De teus anos colhendo doce fruto,  
Naquele engano de alma lêdo e cego  
Que a Fortuna não deixa durar muito,  
  
Nos saudosos campos do Mondego,  
De teus formosos olhos nunca enxuto,  
Aos montes ensinando e ás ervinhas  
O Nome que no peito escrito tinhas” (...)

Foi objectivo primordial da proposta, reforçar o carácter simbólico deste espaço.

• A proposta de Arranjo do Espaço Envolvente.

A aproximação ao Monumento pode fazer-se através do jardim, orientado para a fachada Sul da Igreja. Foi acentuado o eixo visual que termina na torre do Campanário, e se inicia num miradouro, que permite uma leitura global da unidade proposta.

O jardim formal de buxo, que antecede o Monumento, redesenha a estrutura espacial do antigo Convento e lembra a quem o percorra o sentido do labirinto (presente frequentemente nos jardins medievais). Serve também de referência histórica para um melhor entendimento do local em que se insere a Igreja.

Junto do jardim de buxo, existe um grande roseiral, remetendo o visitante, para o mito da Rainha Santa Isabel.

Alguns ciprestes pontuam o espaço, em gestos trágicos, relembrando Inês de Castro.

O restante espaço é ocupado por um pomar de laranjeiras. Há referências da sua existência no local, em épocas passadas.

O solo irá ser recoberto em parte, por linho coimbrão; cultura igualmente referenciada neste local em documentos históricos.

A água, elemento dominante deste cenário será mantida em torno do Monumento, aumentando-lhe a grandiosidade, restituindo-lhe a escala gótica, e mantendo o carácter surreal, que tanto nos seduziu em Santa Clara.

Concluo, com palavras de Siza Vieira:

“O que a Natureza dá, não precisa de ser feito”

*Luisa Vieira*